

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Outubro de 2023 - Nº 616

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

22 REFLEXÕES SOBRE O LIVRO “O PEQUENO PRÍNCIPE”

DANILO ZUCATO ROBERT

Observação: A ordem das reflexões não segue a cronologia dos acontecimentos do livro.

1) Achei interessante como o Pequeno Príncipe nunca desiste de uma pergunta não respondida, isso nos serve como mensagem: persistência.

2) Nas passagens das centenas de rosas, aprendemos que em muitos aspectos da vida, o mais importante não é a quantidade, mas sim a qualidade, como exemplo, cito a amizade.

3) Uma das frases mais conhecidas do livro: ‘o essencial é invisível aos olhos’. Devemos enxergar além das aparências. Devemos olhar com o coração para tudo, a fim de encontrar nelas sua essência, sua verdadeira beleza.

4) Na passagem do rei sem súditos, aprendemos que é preciso exigir de cada um o que cada um pode dar. Muito importante olhar pelos olhos da outra pessoa, a fim de entender seu estilo, suas limitações, pensamentos, preferências e capacidades. Enxergando estas características, devemos ‘exigir’ ou esperar delas conforme o que se sabe que ela pode oferecer. Como no livro, “a autoridade repousa sobre a razão”.

5) “ ‘Julgarás a ti mesmo’, respondeu-lhe o rei. É o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros. Se consegues julgar-te bem, eis um verdadeiro sábio.” - Cena do livro no planeta do Rei Solitário.

6) No segundo planeta, morava apenas um vaidoso (de novo, sozinho). Ele só ouvia os elogios a si mesmo, o resto, ignorava. A raiz

da palavra vaidade vem do latim *vanitas*, que significa “vazio” ou “futilidade”. O vazio do rei está no fato de ele precisar validar sua imagem a todo instante. Indiretamente isso é uma crítica à sociedade da época em que o livro foi escrito, mas também à nossa época, que valoriza demais a aparência física e o materialismo.

7) “Adultos adoram números”. A vida não deve ser baseada em números, quantidades, grandeza material. A vida deve ser vivida qualitativamente (cito aqui outro livro que fala bastante sobre isso, chamado “Viagens com Epicuro”).

8) Quando se cativa alguém, se cria laços, uma necessidade boa do outro. Quando se cativa alguém, esse alguém se torna único no mundo, diferente de todos os outros.

9) “Você se torna responsável por aquilo que

cativa”. Outra das frases mais reproduzidas do livro. Quando cativo alguém ou algo, de certa forma, me torno (também, em certo aspecto e grau) responsável pela felicidade da pessoa ou da preservação de algo, pois eu quero que aquela pessoa seja feliz ou que aquilo se preserve, não sofra.

10) Não perder a visão de criança que se tinha. Para a criança, as coisas são mágicas, misteriosas, extraordinárias. Não perder essa visão é ver o mundo com olhos além do mecanicista-científico-cético. Essa maneira de olhar o mundo torna-o mais brilhante, colorido e divertido.

11) “É preciso que eu suporte duas ou três lagartas se eu quiser conhecer as borboletas”. Reconhecer e enfrentar as dificuldades, os desconfortos faz com que cheguemos em nossos objetivos, que alcancemos nossas conquistas e que tenhamos novas experiências.

12) “Quem anda em linha reta, não vai muito longe”. Assim como em 11, a frase simboliza que é preciso arriscarmos, errarmos, nos forçarmos a sair da zona de conforto.

13) Cada ser que o Pequeno Príncipe conhece por cada um dos planetas que passa é um aspecto existente dentro de nós. Devemos reconhecer o rei que quer mandar, o vaidoso, o bêbado

com seus vícios, o homem ocupado com os números e o geógrafo acomodado com características dentro de nós mesmos.

14) Os baobás no planeta do Pequeno Príncipe representam os vícios ou defeitos que temos: é preciso que eles sejam arrancados enquanto são pequenos. Blavatsky fala o mesmo em sua obra “A Voz do Silêncio”.

15) “Faltam aos homens raízes”. Isso é dito ao Príncipe pela flor no deserto. Entendo que isso quer dizer que os homens são “levados com os ventos” a todo momento. Eles sempre querem algo além do que conquistaram. Além disso, também podemos entender que faltam aos homens convicções próprias, refletidas, não somente aceitas de prontidão e logo germinadas em suas mentes.

16) Coisas simples podem nos fazer lembrarmos de pessoas ou coisas que cativamos. Assim, elas adquirem novos e mais belos significados, como o trigo dourado à raposa, no livro.

17) A flor, no planeta do Pequeno Príncipe, só diz que o ama quando ele irá partir. Isso nos faz pensar: precisamos esperar uma partida para dizermos “eu te amo” para quem amamos?

18) “É uma questão de disciplina”. Disciplina é o caminho para se arrancar

os “baobás do vício” apon-tados em 14. Somente com disciplina e persistência se destroem vícios.

19) Em seu planeta, primeiro o Pequeno Príncipe faz a própria higiene, para depois fazer cuidadosamente a higiene exterior, de sua casa (o planeta). Purificar primeiro a si próprio, para depois se tentar purificar ou limpar cuidadosamente o mundo.

20) A quantidade de planetas que o Pequeno Príncipe conhece são 7. Certamente isso não foi coincidência. Ele tem uma jornada de 7 fases para, no fim, chegar ao discernimento maior, à sua elevação espiritual.

21) O encontro com a serpente, no sétimo planeta também é simbólico: Serpentes eram reverenciadas como símbolos de deusas relacionadas à sabedoria, cura, magia e conhecimento em algumas culturas antigas como gregos, egípcios, nórdicos, índia e povos pré-colombianos.

22) O amor é o aspecto mais importante para que o Pequeno Príncipe consiga entender a vida. “Não soube compreender coisa alguma! Devia tê-la julgado [a rosa de seu planeta] pelos atos, não pelas palavras. Ela me perfumava, me iluminava. (...) Devia ter-lhe adivinhado a ternura sob os seus pobres ardis”.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE OS SINOS DO SANTUÁRIO

IVAN

Longe de mim contrariar as decisões do padre Simão – que deve ser assim com Deus, tem toda razão, portanto, e pode, se quiser, me castigar. E eu aceito. Mas, pra falar bem a verdade, não gostei, nem um pouquinho, dos sinos novos do Santuário. E de não gostar de sino tenho direito adquirido pela idade, da qual não abro mão nem diminuo, a não ser em situação desesperadora, que não é o caso do carrilhão encomendado e instalado sem minha permissão e nem ao menos ser consultado – sou, há quase 74 anos, do peito dos sinos velhos, amigos de infância, choramos juntos; eles, em enterros, de pobre ou de endinheirado, eu, de levar cascudos de minha mãe (logo depois eu rezava para que a polenta dela empelotasse, de pura vingança) ou escalepar o dedão do pé chutando pedra. Há quem argumente, “embora eletrônicos, são tão sonoros e de exatidão absoluta”. Eu retruco: são, sim, muito melódiosos, porém, falsos como a voz do boneco do ventríloquo. E para que serve a exatidão, quando sabemos que o mundo nada deve aos certinhos e tenha dívida eterna com os loucos, esses impontuais, anárquicos, desobedientes e surdos para as regras da sociedade? Prefiro a rouquidão do velho sininho que o Shirley mandou soldar, agora com uma cicatriz novinha, ao som impostado do badalo digital que não sabe tanger

as horas de angústia, quanto mais as de alegria. “Mas carregam seu som ao longe, são ouvidos em todas as esquinas da cidade, pode-se regular sua intensidade, o timbre modifica-se com apenas um clique, consegue-se tirar a estridência dos agudos, suavizando-os e tornar mais profundo o grave”, procuram me engabelar. “Tudo verdade”, concordo, “mas tudo falso, também”. O que estamos ouvindo de meia em meia hora, não passa de peruca, o brilho imposto, o cumprimento sempre o mesmo, sem o aroma da mulher faceira, nem caspa tem, piolho ali morre de fome. O cabelo que comparo ao sino que pretendo arrepia, seja de amor ou de medo, de febre ou de frêmito; serve este cabelo pra gente enrolar no dedo ante a ansiedade ou morder quando nosso time está perdendo. O sino digital não conhece a dor da perda, e pensa-se ideal e feliz; mas, pobre, não sabe o sabor da vitória, da lágrima que injetou no rosto campeão, do sorriso que pôs na boca da torcida. Sino alheado, indiferente aos sentidos, sem parentesco, que nunca brigou com um amigo e não passou pela dor dessa bobagem. Bala embrulhada, pamonha escondida na palha, pinhão na casca, filho sem um pai a recorrer.

Caro padre Simão, o senhor que ministra a extrema-unção, batiza, reza missa como ninguém, canta muito melhor que os padres Zezinho, Marcelo e Fábio

de Melo juntos, o senhor que, ao encomendar uma alma qualquer, ela vai direto para o céu, sem escalas, me faz uma caridade: pegue pela orelha um coroinha que estiver mais no jeito e mande que ele, quando os tempos forem se alongando, badale os sinos velhos com muita força e determinação, trazendo-lhes a vibração da nossa infância – minha e deles – que suas ondas naveguem no dorso da lembrança, que o pigarro da solda se insinue pelas casas velhas, a rouquidão descanse em nossos muros de taipa e que o tremor final jaza entre os paralelepípedos fincados em nossas ruas. O senhor faz isso pra mim? Promete? Caso o coroinha pergunte o motivo da loucura, o senhor fica autorizado a declarar que é para um coração que está batendo, mais por hábito, mas que morreu no mesmo dia do falecimento inesperado dos sinos velhos; por solidariedade e, na introdução dos eletrônicos, por contrariedade. Para terminar – não se aborreça comigo; todos os velhos somos aborrecidos. Já é um consolo. O lugar que eu não tenho no céu lego ao senhor, que já tem o seu garantido e fica com dois. Vou me deitar para sempre no oco dos meus sininhos antigos. Boa noite, padre.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico do Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

TEM GUARU NO LEITE ...

Lá no passado distante aqueles leiteiros
Com suas carrocinhas entregando aos fregueses
Os litros de leites em endereços costumeiros
Cujas contas eram pagas no final dos meses

O leite era ordenhado em fazendas distantes
Com o trabalho dos empregados os retireiros
De vacas holandesas que forneciam bastante
Quando os latões eram buscados pelos leiteiros

Mas diziam as más línguas que o leite era batizado
Quando os leiteiros passavam pelo riacho na estrada
Uns bons litros de água eram acrescentados
E com o leite tão puro era misturada

E nas águas correntes os peixinhos nadavam
Entre eles o guaru e também lambaris
E no leite dentro do litro os peixinhos ficavam
E a freguesia reclamava tem peixinho aqui

E os leiteiros sabidos iam se desculhando
Era no lavar os latões que os peixinhos entravam
E por mais que os tirassem alguns iam ficando
E com o leite enlitrado alguns ainda nadavam

E alertavam os leiteiros o leite deve ser bem fervido
E os guarus com a quentura por certo iam morrendo
E astutos diziam que com ele ninguém tinha morrido
E mais água no leite o leiteiro ia crescendo

E o leite in natura hoje não é mais vendido
E nas caixinhas nunca guaru foi encontrado
Mas conservante no leite hoje é acrescido
E outros dizeres nas caixas estão anotados

E quando Eraldo Humberto Monteiro sua crônica
[escrevia
Tem guaru no leite aquele passado voltou
De quando o leiteiro arguido respondia
Que o latão foi lavado e o peixinho não se
[desgrudou

(Inspirado ao ler a crônica de autoria de Eraldo Humberto Monteiro, publicada no Monte Sião, edição 614, agosto de 2023).

Arlindo Bellini

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 60

ISMAEL RIELI

Quem leva a vida vazia,
É um sentido não lhe deu,
É como quem vai sem
guia

Pelas salas de um museu
(Pe Celso de Carvalho)
Recém acabei de ler o livro
Baque Surdo no Fundo
do Mundo do João Gibão
pseudônimo do exímio flautista
Ilson Mariano. São 34
causos hilários acontecidos
ou imaginados em Monte
Sião e Ouro Fino narrados
com primor na nossa fala
caipira pela pena irreverente
desse engenheiro agrônomo.
Se você ler um conto (sempre
curto) por dia, terá um
pouco mais de um mês com
momentos de riso e descontração
nesse mundo tão confuso
e complexo de hoje. Vale a pena.
Esgotado, o livro merece
reedição urgente pela Fundação
Pascoal Andreata, apesar de o
nosso mensário estar publicando
paulatinamente algumas crônicas
desse livro para gaudir dos que
apreciam um caso, uma
acontecência bem narrada.

O autor
Está no sangue, é irmão
do prolífico insuperável Ivan,
que tanta falta nos faz.
Por um ano convivi com
Ilson em São Paulo numa
kitinete em que nos aboletávamos
na Rua Maria Antônia, em dois
beliches com Álvaro e Josmar.

Boa praça. Bom companheiro.
Saudades daquele tempo.
Estávamos no vórtice do furacão
da “redentora” de 1964 e não nos
dávamos conta do momento
histórico que vivíamos. Estávamos
a 50m da faculdade de filosofia
da USP, palco de terríveis batalhas.
Depois Ilson foi morar com o
primo rico, Nezinho Colli num
amplo apartamento na Av. Duque
de Caxias donde voltou pras
Alterosas para cursar agro-

nomia na federal de Viçosa.
Formado engenheiro, ingressou
no finado IBC e orientou muitos
cafeicultores das escarpas do sul
de Minas.

Fixou residência em Ouro Fino,
mas amiúde vinha para sua terra
natal.

Deixa muitas saudades e boas
lembranças

A seguir transcrevemos 4 parágrafos
da crônica “A Tijolada” em que ele
nos conta como era uma Monte Sião
que não há mais. Os mais jovens
nem imaginam como era gostosa.

Se é triste sentir saudade,
Muita saudade de alguém,

Maio infelicidade
É não tê-la de ninguém.
(colombina)

A Tijolada

Tempos de paz. Mas isso foi quando
o tempo andava sem pressa,
dando prazo pras pessoas se
visitarem, trocavam delicadezas
de mão de se oferecerem laranjas,
pés de alface uma às outras,
participando das alegrias e
tristezas comuns a então
cidadezinha extremo sul –
mineira, nascida entre serras,
colinas e regatos.

O tempo sobrava, andando
pachorrento, deixando as
crianças fazerem seus próprios
papagaios, ensinando-as a
olharem para o céu e verem o
papagaio batizado beirando as
nuvens gordas em suas lonjuras.
Tempo de brincar com coisas
simples, dar asas a imaginação,
pois até aquela época, a
modernidade não havia criado
ainda o computador, televisão e
muito menos a falta de tempo,
o que acabou minguando com a
poesia das coisas.

Monte Sião não conhecia e
nem tinha notícias da especulação
imobiliária, e por isso mesmo,
suas casas tinham quintais
enormes, grandes de um tanto de se

achar mentirosa suas extensões.
Neles então se podia ter
quaradouro em capim quicuío
que acolhia a roupa da família
toda, sobrando ainda espaço
pra criançada brincar rolando
por ele, o que dava uma joça dos
infernos. Tinha espaço pra
galinheiro, quintal de galinhas,
pomar, privada de fossa,
sobrando ainda terreno pra
plantar milho e mandioca. Por
isso, esses tipos de alimentos,
não eram vendidos, mas sim
oferecidos de um vizinho a
outro.

A gente morava numa casa a
esse estilo, que tinha fachada na
Rua Direita, 415 e os fundos na
Rua do Sapo; seu comprimento era
todo o quarteirão, e a largura ia
do São Gusto Pocai à casa do
Nei Zucato, vizinho da Tia Francisca,
uns vinte metros pouco mais
ou menos; era um latifúndio
urbano. A divisa nossa com o
São Gusto, inicialmente era feita
com muro de tijolos, daqueles
tijolões antigos de fazer inveja
a João-de-Barro, e depois
continuava por cerca de bambu.
Já com a casa do Nei Zucato,
parte dela era também com
cerca, mas a outra – e melhor –
era feita em um muro de taipa
dessa largura assim. Nesse muro,
a Irma, Sonia, Armandinho e eu
fazíamos buracos pra manga
madurar, aos quais a gente
chamava de “segredos”.

Durante o dia o quintal-zão
era habitado por nós criançada
em todo tipo de brincadeira,
desde finca-finca, soltar papagaio,
trepar na mangueira pra fazer
cacinha de tábuas. Quando o
dia começava a ficar triste de
sono e o sol se aprumava pra se
despencar lá atrás do Morro
Pelado, paravam-se as
brincadeiras e a molecada era
chamada pro banho. As galinhas
– instintivamente – se
recolhiam pros poleiros.

O quintal virava um ermo,
silencioso para acolher a
noite que vinha.

Homens egoístas, ouvi
Este conceito fecundo:
Quem vive só pra si,
Vive sozinho no mundo.
(Batista Nunes)

Canito's

José Benedito de Souza
Freitas, o Canito de Lindóia,
filho da professora Iracema
que empresta o nome à escola
da praça, na década de 80
descreveu frases curtas e
irônicas para um calendário
de nome Um Ano de Bom
Humor.

O sonho do presidiário:
Ver o sol nascer redondo.

Por mais que pesquisassem,
Os cientistas jamais conseguiram

Descobrir a fórmula do barro
com O qual Adão foi construído.

O químico bom de coração
Inventou um inseticida incapaz

De fazer mal a uma mosca

Ledo engano, Descartes.
Tem gente que não pensa e
existe.

Existe muito bem, aliás.

Costumava ter sonhos de
grandeza.

Uma noite, por exemplo,
Sonhou com 50 homens públicos

Honestos e inteligentes

Na farmácia.
- o que o senhor quer?
- uma dose de otimismo.

Troquei de carro.
Agora só ando de mercedes de
duas portas,
Monobloco, 36 lugares

sentados
E 115 em pé.

Pra ver como são as coisas.

De compradores de bondes

Os mineiros passaram a
vendedores de Fiats.

Enquanto a televisão
continua na mesma porcaria,

Cada vez mais primorosos

Tornam-se os televisores.

Coitados dos europeus,
Que não podem, como nós,
Viajar pra Europa.

Ta certo, dos pobres
É o reino dos céus.

Mas vai caber?

Do jeito que se engole.
Daqui a pouco não vai
Ter mais sapos no país.

Automóvel: um meio de
transporte
Muito usado no século
XX

Batido pelo vento,
No varal,
O lenço parece
Fazer tchau

Divida-se o mundo em
dois,
Coloque-se todos os
idiotas

De um lado e essa porcaria
Perde o equilíbrio.

ALDRAVIA

(A Aldravia é uma forma de poesia genuinamente brasileira; um movimento que nasceu no coração de filósofos, professores universitários, escritores e artistas plásticos no ano 2000 com o intuito de criarem um movimento poético legitimamente brasileiro.)

aldravia

cai como um

haikai exigente

porém diferente

BOB

A PEQUENA EMPRESÁRIA

ROMILDO LABIGALINI

Quando minha filha Mônica
tinha 12 anos, queria ser
comerciante e pediu-me
para montar uma loja de tricô
para ela. Na nossa casa,
ao lado da Matriz, tinha um
pequeno salão e montei a
sua tão sonhada loja, que

recebeu o nome de “Lojinha
da Mônica”. Ela queria ter
mais variedades de mercadorias
e foi conversar com meu
grande amigo Ramiro Zucato,
que tinha uma malharia e
perguntou-lhe se ele forneceria
suas malhas em consignação.
Ramiro, vendo o esforço
daquela menina, concordou e
lhe fornecia

a quantia que ela quisesse.
Essa parceria a ajudou
muito.

Com 17 anos, Mônica casou-se
com Giovane Fagundes
Gonçalves e tiveram um
filho que recebeu o nome de
Giovane Labegalini Fagundes
Gonçalves – Giovaninho para
nós -. Essa união durou pouco
tempo e houve a separação.
Aos 18 anos Mônica encerrou
sua atividade na loja e foi
vendedora na loja de móveis
“Mac Móveis”.

Em 1997, nas datas comemorativas
como Dia das Mães, dos
Namorados e dos Pais, ela
começou a fazer cestas com
ovos de Páscoa, ursinho de
pelúcia e flores artificiais.
Sua irmã Meire tirou fotos
das cestas e fizeram um
catálogo e Mônica oferecia
de casa em casa e foi um
sucesso.

Em 1998, Maria Alice,
residente em Jundiá, amiga da
Meire e Mônica as levou até
o CEASA de Campinas e as
apresentou a um amigo que
tinha um box de flores e outros
produtos afins. Mônica
montou a sua floricultura
“Flores e Encantos” e passou
a comprar flores e fazer
cursos em Campinas. Posteriormente
comprava flores e enfeites
em Holambra e especializou-se
em decorações para casamentos,
aniversários e outros eventos.

rios e outros eventos.

A Floricultura foi crescendo e
necessitando de espaços maiores;
foi mudando de endereços e
contratando funcionárias, entre
elas, Sílvia Regina de Moraes,
Andréa Spartani, Grazielle
Ramos, Sandreli Matias e sua
nora Talita Rodrigues, casada
com seu filho Giovaninho.

Em 2001 Mônica casou-se com
Luiz Gustavo Silveira Pupo –
Guto para nós – que passou a
ajudá-la na floricultura. Atualmente
ele é funcionário de uma grande
empresa de fios para malharia.
O casal tem dois filhos: Giulia
e Gabriel.

Todos os anos no Dia das
Mães, dos Namorados e Dia
dos Pais, minha esposa Nilza
vai ajudá-la a fazer lindos
arranjos, e eu era um dos
entregadores das cestas e
flores. Eu gostava muito desse
serviço, ao ver o contentamento
e o brilho nos olhos de quem
as recebia.

Fui fazer uma entrega no
Jardim Pelegrino e no local
havia quatro casas conjugadas.
Eu, com o buquê nas mãos,
toquei a campainha da primeira
casa, veio uma mulher e
perguntei: É aqui que mora a
Amarilis? Ela disse que não,
talvez fosse na casa ao lado.
Todas as outras responderam a
mes-

ma coisa.

Conferi melhor a comanda e
percebi que “amarilis” era o
nome da flor, e o nome da
pessoa estava escrito mais
abaixo. Com uma “cara de pau”
acertei a casa, e condei do meu
engano e a mulher deu um
sorriso maroto.

No Dia das Mães fui fazer
uma entrega na zona rural do
Bairro Perobal, numa casinha
simples que morava sozinha
uma senhora viúva.

Bati palmas, ela veio sorridente
e entreguei-lhe o buquê. Ela
ficou muito contente e me
perguntou:

- Quem mandou essas flores
para mim?

Respondi que foi sua neta.

Perguntou-me novamente:

- Como é o seu nome?

- Romildo Labigalini

- Você é filho da dona Júlia,
mulher do seu Último Bengalini?

- Sim, eu sou!

Ela me deu um abraço e contou
o seguinte fato:

- Quando eu estava grávida
fui com meu marido fazer
compra no armazém do seu pai,
e sua mãe estava cortando
mortadela para um freguês.
Quando ela viu eu com aquela
barriga grande deu fatias de
mortadela pra mim. Ela tava
preocupada comigo que eu
ficasse com

vontade. Nunca mais esqueci
da sua mãe, que tinha um
grande coração.

Fiquei emocionado com
aquele relato, pois minha
mãe faleceu em 1951, com
apenas 38 anos. Mesmo
passados 50 anos essa
senhora ainda se lembrava
dela. Quando me despedi,
ela me abraçou novamente.

Hoje a floricultura “Flores
e Encantos” está localizada
na Rua Ernesto Gotardelo,
579. É uma Micro Empresa
Familiar, pois além da
Mônica, trabalham também
sua linda filha Giulia,
casada com Bruno Gomes
de Moraes, e a futura nora
Layanny Florêncio. Nas
datas comemorativas, seu
marido Guto, o filho Gabriel
e minha esposa Nilza vão
ajudá-la.

Nesse ano de 2023 a
floricultura está completando
25 anos de funcionamento.
Mônica fez uma restauração
no salão e comemorou com
um coquetel seus amigos e
clientes.

Seu sonho em ser uma
empresária de sucesso foi
realizado.

Parabéns minha querida
filha por esta conquista,
pois o mérito é todo seu,
graças ao esforço e
dedicação. Que Deus a
continue abençoando
eternamente.

“ ... (?) ”

Ainda que esteja inteiro

na metade que me resta

sobra um infinito e meio

nesta conta que não fecha

Popo de Sião



MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automobilístico

Monte Sião - MG CEP 37580-000

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

MEU TIO

JOSÉ CARLOS GROSSI

Meu tio virou árvore pelas sementes que germinaram em seu estômago, depois que adormeceu profundamente.

Foi a mãe que o recolheu, perdido no tempo dos esquecidos, com uma alegria desconfiada de ter encontrado um tesouro que valia quase nada, pois meu tio tinha os olhos embaçados, a barba rala, num queixo alongado, o nariz fininho, adunco e os ouvidos que pouco escutavam.

Então o acolhemos com uma alegria fingida, e a mãe lhe levava um prato para alimentar-lhe a fome e as feridas.

O pai acendia a televisão no canal que mais gostava e assim passou meu tio, anos após anos, prostrado, com um olhar de parede, vazio, frio e

calado.

Era o irmão da mãe que sobrou no tempo das desimportâncias e dos esquecidos, porém um dia lhe estufou a barriga, um ramo vazou do umbigo, galhos pelos ouvidos e dos olhos um afluoramento.

Os cabelos subiram palmas, agarrunchados e rápidos, e cresceram-lhe bromélias pelos sulcos da face.

Mas a mãe, desaparecida, ainda lhe regava as margaridas enquanto o pai lhe podava os talos, e a irmã alimentava os filhotes de tico-ticos e canários.

E das rosinhas grávidas e perfumadas surgiram pequeninos frutos rosados que de maduros a mãe os colheu em jarros. Do aroma agradável, punhados viraram suco, outros as vespas sugaram

e abelhas se fartaram.

Então suas raízes vazaram o sofá e ergueram as tábuas...

E quando o estuque e as telhas deixaram um buraco que chovia e os enormes galhos se enroscaram nos fios de luz e de pipas, o pai gritou: não dá mais para suportar essa catástrofe!

E não foi difícil cortá-lo com uma escada e um machado, enquanto a mãe lhe colhia flores mágicas para pô-las em vasos e enfeitar a casa.

Foi assim que aprendi, com a florescência de meu tio, a dar mais importância as nossas raízes e mergulhá-las mais profundamente em nosso imaginário, pois às vezes uma história só acontece quando a fazemos ao avesso, como um espelho que sempre reflete apenas o nosso contrário.

MISTERIOSA

UM SORRISO,

UM OLHAR,

UM ABRAÇO

E UMA PEDRA VERDE.

SINAL DOS ANJOS,

DESTINOS TRAÇADOS,

PARA UM GRANDE AMOR

NAQUELA PEDRA MISTERIOSA.

YOSHIHARU ENDO

VIVA O "TÊNTI"

Menino bom e sempre obediente
Foi criado nos antigos modos decentes
De um povo ordeiro, honesto e valente
Que, com disposição, enfrentava o batente
Seguindo os princípios religiosos vigentes
E muito se ajudavam mutuamente

Quando moço frequentava os bailes adjacentes
E com sorrisos e olhares contundentes
Arrancava suspiros das moças presentes
E com o futebol e outras festividades existentes
Fazia e preservava amizades muito facilmente
Tanto que muitas ainda são remanescentes

E seguindo, então, esta mesma vertente
Formou sua família de maneira consistente
Onde o carinho com os familiares era evidente
Sempre bem humorado, feliz e contente
O patriarca, que jamais foi ausente,
Compartilhou a sua vida sempre dignamente

Vamos fazer um pedido bem consciente
Em nome de todos os seus descendentes
Pra que Deus reserve, como presente,
Um belo lugar no Céu pro nosso "Tênti"
Que agora partiu, feito uma estrela cadente,
Mas a sua imagem ficará sempre junto da gente!

Luís Fraccaroli

(Receba esta singela homenagem como forma de respeito e admiração. Prabéns pelas 9 décadas de tranquila e serena existência.)

JOANA E O PÉ DE FEIJÃO

MATHEUS ZUCATO

— Mãe, pode escolher o pacote todo?

A mãe fitou a moça sentada, com o pacote de feijão sobre a mesa, e conferiu se havia restos de ontem na geladeira. Não havendo, confirmou que Joana podia utilizar o pacote todo. “Assim já faço de uma vez e amanhã não preciso cozinhar feijão de novo”, justificou. E passou a catar grão por grão, a retirar aqueles que certamente não serviam, ou as pedrinhas que naturalmente vinham dentro do saco. Não podiam comprar das melhores marcas, não importasse o quanto dona Ima pedisse ao marido que deixasse de economizar em alguns itens específicos. “Tudo bem, é assim que Deus nos fez e não temos do que reclamar”, se conformava.

— Por que há feijões tão diferentes dos outros, mãe?

Distraída nas louças, não respondeu. Pensava qualquer coisa em seu caleidoscópio de tarefas diárias que, ainda bem, podia dividir com a filha e com o marido, que chegava para almoçar. Moravam numa casa antiga, porém espaçosa, no bairro muito próximo do centro da cidade, vizinhança boa. Talvez não tivessem mesmo do que reclamar, a depender do ponto de vista. O casal vivia bem no equilíbrio sóbrio do matrimônio maduro, e a filha, sua preciosidade, avançava exponencialmente na mocidade, um doce, independente e esperta.

— Nunca tinha visto esta marca. “Arravá”, é brasileira?

Dona Ima respondeu qualquer coisa, imersa no seu tempo e espaço próprios. Poderíamos dizer que executava com certa aflição, durante sua manhã, a rotina de dona de casa. Não costumava tratar

a mocinha assim, com esta distância, mas, distraída, não podia se culpar.

Subitamente, um dos feijões escolhidos por Joana rolou a mesa e caiu no chão, ao que ela rapidamente apanhou e percebeu que ele começava a rachar sua carapaça, e de seu interior brotava uma folhinha verde. Assustada, soltou o grão sobre a mesa, mas não quis de novo interromper a mãe em sua quietude. Percebeu-lhe que ouviu estalar a casca, como um ovo que se arrebentasse perto de si. Achou aquilo singelo e deixou o brotinho de lado, reservado para depois mostrar à mãe.

Enquanto continuava no trabalho de seleção, aprofundou-se em certa meditação, pois é através do silêncio que compreendemos as coisas. Percebeu apoderar-se de si o tempo emocionado, um ardor como que vindo da terra prenhe. “Que é que se passava consigo?”, questionava-se. Olhou para o lado, e o brotinho deixado sobre a mesa crescera na altura de uma muda, já com o tamanho de seu antebraço; e as raízes enroladas no tempo da mesa desciam até o piso, a buscar pela cama acolhedora da vida. Notou que seu braço direito estava coberto pelas mesmas raízes saídas daquele pezinho do que até então acreditava ser de feijão, mas que já não era. Os raminhos cresciam em direção de seu peito, e, assustada, olhou para a mãe, já a observar, com certa temeridade, ainda que tranquila. Parecia lembrar-se de algo, com aquela cena.

Joana ia gritar, quando os bracinhos alcançaram o seu coração; aí percebeu que era bom, ainda que novo e estranho. A mãe se limitou a sorrir ao ver que a filha se acalmava no entendimento daquilo, e disse mais para si do que para a

menina, “daí brotou amor”.

— Amor, mãe? Como funciona o amor?

“Por si só já basta, filha. Lembro-me bem disso: é como nascer de novo; é buscar o pulso de todas as coisas; estabelecer-se como ser; é tornar-se, sem saber, mais humana, como estivessem todos os corações interligados ao seu; é aceitar as crucificações, os espinhos no rosto; é engolir pedras e esculpir nelas a bondade; é elevar-se aos galhos da copa de uma linda árvore e deixar o vento acariciar os seus ramos mais tenros, tremulantes ao sol ativo, sem se esquecer dos dedos que a prendem ao solo da sobriedade; é compreender, minha filha, que ou é eterno, ou não é o que parece ser.”

E enquanto a mãe contava sobre o que era de fato experiência passada, já morna de seu tempo, a menina em repouso do corpo, com a alma inquietada descobria os entremeios do amor, que cresceu forte dentro de si e criou uma belíssima oliveira bem no meio da cozinha na qual almoçariam em menos de duas horas. O pai chegava. A cozinha emanava paz. Um apreensivo sorriso se abriu no rosto do pai quando viu a árvore sombrear a mesa do almoço. O coração de uma mãe ainda pode se aquecer apaixonado: o marido trouxera flores, havia se lembrado do aniversário de casamento, diferente do ano passado, quando se atrapalhou.

Das olivas se obteve o azeite da juventude, e esta depois saciou-se em sua fase adulta, projetando o futuro sábio da moça Joana, que se casou à moda antiga, com o Mário, farmacêutico, com quem teve filhos e filhas que um dia também descobririam dentro as sementes da vida um broto do fulgurante fruto do amor.

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Siao - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Siao - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

PALAVRAS MOTIVACIONAIS

JOSÉ ANTONIO
ZECHIN

É preciso muito cuidado com as palavras. Ditas em momentos oportunos, podem provocar enormes frustrações e desavenças, muitas vezes irreversíveis. As palavras dos pais sobre os filhos podem ter assustadores impactos no futuro. Mas, convenhamos, apenas palavras bonitinhas e meigas podem também não servir para absolutamente nada. Você deve ser um entre milhões que recebem diariamente mensagens otimistas e motivacionais despejadas pelas mídias sociais.

Nada contra. No entanto, tudo se resume à pessoa ler, achar lindo, ficar comovida, compartilhar, mas depois a vida segue. A realidade grita.

Nos idos tempos em que trabalhei com Avaliação de Desempenho, um tema recorrente e controverso entre os profissionais da área era motivação. Os conceitos eram (e são) muito diversos. Particularmente, penso que “motivação” não existe. O que existe é “automotivação”. Ou seja, se você próprio não se motivar para alguma coisa na vida, não é um outro qualquer que irá motivá-lo. Claro, alguém

poderá ser um exemplo e o que ele disser ou indicar poderá ter grande efeito em você. Mas, se você próprio não arregaçar as mangas, nada acontecerá. Importante apreciar as coisas positivas da vida, mas apenas isso não transformará o seu futuro. Obstáculos precisam ser constantemente vencidos e com muito esforço.

Separei algumas frases ditas por aí como “mantras” para transformar alguém numa pessoa vitoriosa e bem-sucedida do dia para a noite. Tipo, basta confiar que vai dar tudo certo. Eu acho que não é bem assim. Exemplos: “Seja sempre feliz”

“Estabeleça grandes metas” / “A força de vontade vencerá qualquer problema” / “Rodeie-se de pessoas bem-sucedidas” / “Você nasceu para conquistar o mundo” / “Você é o autor da história de sua vida”. Então, palavras podem gerar milagres? Acredito que pessoas bem-sucedidas são aquelas que objetivamente assumem a responsabilidade por suas próprias ações, considerando as circunstâncias ao redor. Reconhecendo ainda que seus sonhos e objetivos não estão completamente sob seu único controle. Do céu, não cai nada, esteja certo disso.

DENISE

L. A. GENGHINI

Naquele dia 11 de maio de 2023, na hora em que os anjos estavam reunidos para a devolutiva diária, onde prestavam contas de suas intermináveis tarefas de receber e acomodar as almas ingressantes ao Paraíso, chegou a notícia bombástica que deixaria todos agitados, porque quando chega alguém “muito importante” lá no céu há preparação especial e até convocação para “hora-extra”.

E não era para menos! O pessoal que cuida do setor de comunicações lá do céu havia acabado de informar que era para todos ficarem de prontidão porque a qualquer momento chegaria uma alma tão especial, que já havia se comportado de modo angelical no período que habitou a terra, em breve estágio de 79 anos.

Pelo seu currículo, a recém admitida já seria empossada na função de Anjo Protetor dos Estudantes e dos Empreendedores, dada a sua experiência prévia intensamente vivida na terra.

No meio da confusão um anjo, colocando o dedo indicador sobre o queixo e a boca, demonstrando curiosidade, além da descrição que a situação pedia, perguntou:

- Afinal de contas, que anjo é esse que vai assumir direto, sem passar pelo período de experiência?

Olhares sisudos e resmungos de repressão precedem a resposta do anjo que, na ocasião, presidia a reunião:

- É que hoje a terra fica mais desfalçada enquanto nós recebemos um baita reforço, que nos ajudará a realizar as nossas tarefas diárias ainda com mais serenidade, amor e respeito. Preparem-se, está chegando, diretamente de Monte Sião, Denise Maria Francisco Corsi!

Em seu estágio na terra, sempre em Monte Sião, exceto breves ausências para estudar fora, Denise Maria, a D. Denise, transitou serenamente nos ambientes escolar, empresarial e político.

Filha de D. Iracema, uma das pioneiras da indústria malharista de Monte Sião e de Antonio Francisco, o Totonho Turco, servidor público, era irmã de professores: Carlinhos, Lenir, Luzia e Itália. Foi casada com Eudes Corsi, mãe de Cristiano, Ana Paula e Patrícia e avó de Leonardo, Ana Beatriz e Matheus.

Em diversas ocasiões, ainda em seu início de carreira, fui seu aluno no Curso de Admissão para o Ginásio, sem que ela tenha cobrado as mensalidades. Depois, no Ginásio, a honra se repetiu outras vezes. Em sala de aula, na presença de D. Denise, os ânimos se acalmavam, o trabalho fluía tranquilo e o tempo passava rápido, graças à energia conciliadora que emanava da professora.

Seu passamento foi objeto de manifestação da Câmara Municipal, onde seu corpo foi velado:

“Denise Corsi foi uma mulher de grande valor e destaque em nossa cidade, tendo exercido diversas

funções públicas, sempre com dedicação e empenho. Como professora, contribuiu para a formação de muitas gerações de montesionenses. Na política, foi a primeira vereadora eleita em nosso município (1993-1996) e, também, foi diretora de Indústria, Comércio, Turismo e Cultura, onde trabalhou incansavelmente pelo desenvolvimento de nossa cidade. Sua partida deixa uma grande lacuna em nossa comunidade, mas sua memória e seu legado permanecerão vivos entre nós. Denise Corsi sempre será lembrada como exemplo de uma pessoa batalhadora, amiga leal e dedicada.”

Nas palavras de nosso colega José Cláudio Faraco, a D. Denise sempre foi muito presente e ativa em todas as festividades e comemorações de Monte Sião, sendo que, em geral, participava, inclusive, das fases de planejamento e montagem dos eventos, além de ter sido nossa professora em diversas ocasiões.

Enquanto vereadora e diretora de Secretarias, manifestou-se diversas vezes por intermédio das páginas do “Monte Sião”.

Desse modo, justifica-se o burburinho e o início de tumulto que se verificou entre os anjos, no céu!

A estas alturas, queira Deus, a professora Denise esteja devidamente empossada em sua nova função, derramando suas graças sobre nós. Amém!

Até qualquer hora, pessoal!

VALDO RESENDE

Com certeza não sou o único no planeta que, ao ligar o computador, o infeliz emperra exigindo que eu faça uma atualização não solicitada. Ocorre também com o telefone, com sites, apps e o escambau. Atualização! E dá-lhe sabe-se lá qual novidade, pois quando a máquina volta a funcionar nada acontece. Só uma certeza: não é para minimizar os custos dos programas, das assinaturas, das licenças de utilização. Outra certeza é a que, com um tempo muito curto, nossos aparelhos ficam incapazes por não comportarem tanta novidade tornando-se obsoletos e obrigando-nos a comprar um novo.

Não possuindo um computador que “canta Babalu em grego” e não tendo internet poderosa como a da ONU, as coisas demoram mais um pouco aqui em casa. Isto é: ontem, por exemplo, foram HORAS aguardando as atualizações “exigidas” e baixadas sem terem sido pedidas. A razão do tempo maior, é a lenta, foi por ter ficado mais de uma semana sem ligar o computador, daí terem acumulados novidades que, após as malditas esperas, não são minimamente percebidas.

Uma maquininha das boas está pelos olhos da cara. Algo que vai de 8 a 10 mil reais para quem pode pagar e há outras, por volta de 2 a 3 mil reais para serem adquiridas em 10 prestações sem juros, como é o caso do meu objeto, como comprova a imagem. Aqui

LUKA



hora
que joaninha
avou do braço

do menino

ele disse:

- obrigado

volte sempre!

kuaia

USUÁRIOS OU OTÁRIOS?

está o x da coisa e a razão do ódio. PAGO E O OBJETO NÃO É MEU. O fabricante me cede um “espião” para vigiar meus desejos, vontades, necessidades e só não envia meus nus para o espaço porque não os faço. Compró um objeto que, para ser usado, careço de comprar programas e pagar sites e pagar, e pagar e pagar... Ganhar mesmo, só os malditos vírus.

Será que sou o único a me descabelar de raiva dessa situação? Será que mais alguém sonha com autonomia sobre um mero aparelho de uso pessoal? Nossos governantes não deveriam atuar para impedir essas enormes extorsões camufladas em “atualizações”? Para usar este word acabo de pagar R\$ 449,00 mais impostos. Ao invés de um “obrigado”, os canalhas me enviaram um e-mail informando a data da nova cobrança em 2024. Ou seja, é como se a velha Remington ou sua contemporânea Olivetti me cobrassem aluguel pelo uso das teclas datilográficas.

Considero como a primeira grande aquisição da minha vida uma máquina de escrever Olivetti Studio 46. Leve, útil, pequena o bastante para não se tornar um estorvo. Uma paixão que me acompanhou por muitos e muitos anos. Cuidadoso, nunca precisei encaminhá-la ao conserto e tinha um único problema: a fita com tinta nas cores preta e vermelha um dia acabava. Como bom produto que era, avisava na medida em que ia perdendo nitidez, o preto virando cinza,

o vermelho um rosinha vagabundo. As vezes uma cor terminava primeiro. A gente usava a outra, acionando apenas uma tecla.

Não tenho a menor intenção em voltar ao século XX para reviver as dores e as delícias da datilografia. A questão é que já perdi as contas de quantos computadores tive, e maior ainda a quantidade de telefones celulares descartados por “incompatibilidade” com novidades não desejadas. E assim vou indo: De um lado, me sinto superior perante, por exemplo, a indústria automobilística, e gosto de me gabar por não ter sucumbido ao desejo de comprar um “carro do ano”, cuja maior novidade costuma ser coisas do tipo maçaneta diferenciada. De outro lado, sou o otário que contribui para o lixo eletrônico com aparelhos em bom estado, mas tornados inúteis pelos seus malditos fabricantes ou que é obrigado a esperar por uma “atualização” que não fará absoluta diferença no meu cotidiano.

Minha arma é a escrita. Quem sabe um dia, ainda nesta encarnação, consiga ver esse quadro modificado. Me resta escrever e provocar: você, caro leitor, que se acha o máximo por comprar carro do ano, o último celular, o computador mais poderoso! Tu é tão otário quanto eu, mesmo sobrando a grana para pagar todas as contas de despesas desnecessárias. Portanto, deixe de ser otário e faça sua parte nessa contenda. Vamos formar um clube da luta contra essa joça toda?

REY QUEXOTO – “IL CIELO DI MANGUÁ”

DURVAL TAVARES

Ciao.

O calor em Manguá sempre foi - provavelmente sempre será - algo muito sério a se enfrentar à base de água e de caldo de cana. Pê de cana não falta lá.

As noites, para sentir algum frescor, quexotinho ia para o fundo do quintal de sua casa, perto do canavial bem cuidado pelo seu pai. Ali sentia que o calor ficava reduzido, não muito, é verdade, mas que ficava, ficava, senão quem lá não ficava era o menino. Numa dessas noites, ouvia um bonito som proveniente de sua casa. Era uma música tocada na RMBC - Rádio Manguense Beira da Cana. Ouviu em alto e bom tom (seu pai Massimo, já um tanto surdo, ligava o rádio no som máximo): “Noite alta, céu risonho/A quietude é quase um sonho/O luar cai sobre

a mata/Qual uma chuva de prata/De raríssimo esplendor...” [a música Noite Cheia de Estrelas, de autoria de Cândido das Neves, ficava maravilhosa na voz de Silvio Caldas].

Lá estava quexotinho a pensar num mundo de coisas. Embora pequeno, muitos pensamentos passavam por sua cabeça. Lembrança da lambança ao se jogar no Rio Tamanduá, de onde fora salvo pelo Ricardo Coração de Leão. Do zero na redação bem cantado pelo Galinho Bico de Vinil só queria mesmo era recordar da carroça puxada pelo cavalo Zoe amarula do Zio Niba. Da pelada com a molecada, coisa do dia a dia, se lembrava de uma ou outra jogada eletrizante. Porém, ao ouvir sobre aquela pintura de céu, uma gravura em forma de canção, virou seu olhar para o alto e num sobressalto, sentiu que fora para dentro dele

lançado. O céu de Manguá que, naqueles tempos, de dia vestia-se de um belo azul de anil. A noite, com iluminação quase nula, à luz de lamparinas, esse céu ficava mais belo ainda. Um breu cintilante. Na terra nada competia com sua lua, tampouco com suas estrelas. Mirou num conjunto delas, numa constelação de enorme brilho que, depois na escola, soube tratar-se de O Cruzeiro do Sul, destacado no Hino Nacional Brasileiro: “..... A imagem do Cruzeiro resplandecente.....”, também cantado por ele no GEMA (Grupo Escolar Manguense) sem conhecer o porque. Suas cinco estrelas - Rubídea, Estrela de Magalhães, Mimososa, Pálida e Intrometida - lhe pareciam as mais belas que já tinha visto na vida. Ficou bom tempo nelas fitando. Eram tantas, não tinha como as contar e, mesmo que ten-

tasse, pularia uma, duas, uma porção, uma constelação. Sempre gostou de pular, mas ali pularia por total falta de opção. Com as estrelas ficou sonhando acordado. Como tocar numa só naquela infinidade de estrelas tão brilhantes, reluzentes, exuberantes. Sim, lhe parecia possível porque o céu de Manguá quando escurece, como ouvindo uma prece, parece trazer o céu para o chão para quem na terra o estiver a admirar. Mas como alcançar algo a anos-luz de distância? Aqui um breve parêntese (As estrelas mais próximas do nosso sistema solar estão localizadas no sistema Alpha Centauri. As duas estrelas principais são Alpha Centauri A e Alpha Centauri B, que estão a aproximadamente 4,3 anos-luz da Terra. A terceira estrela do sistema Alpha Centauri, Próxima Centauri, é na verdade a

estrela mais próxima do nosso sistema solar a aproximadamente 4,2 anos-luz da Terra. Versão original criada por Sal Khan. Fonte de pesquisa: <https://pt.khanacademy.org/>). Todas tão deslumbrantes que quexotinho sentiu que, por instantes, do inferno escuro do fundo do rio fora elevado ao céu onde podia brilhar. Passou da concentração na constelação que localizara à procura da Estrela Dalva (ou d'alva), a Isis, a Vênus, porque dela muito ouvira quando sua Nonna Ema, a Voz de Siriema, ao som da flauta do Nonno Parmiro, cantava a música de Noel Rosa, As Pastorinhas: “A estrela d'alva, no céu desponta / E a lua anda tonta, com tamanho esplendor / E as moreninhas, pra consolo da lua / Vão cantando na rua, lindos versos de amor.....” Procurou até cansar. Passava da hora de ir para cama, porque

no dia seguinte a escola estaria lá a esperar. Quem sabe poderia aprender um pouco mais sobre o Céu de Manguá. E aprendeu! Com a cabeça no mundo da lua, r.q. escreveu algo que para ninguém até então jamais leu, a não ser para as estrelas, ou quem sabe somente para uma delas, a Dalva: “Quanta simplicidade numa estrela simples / Numa simples estrela / Nada mais simples do que o brilho de uma estrela / Fixa, tímida, mimososa, distante / Nada mais bela que uma estrela / Fixa, brilhante, deslumbrante / Uma simples e intrometida estrela / Fascinante pela simplicidade de seu brilho / Intrigante a espera diária em vê-la / e a dúvida de uma vida inteira: Poderei ou não um dia tocá-la e tê-la?”

Dormiu sob as estrelas do Céu de Manguá. Dormiu sotto le stelle del cielo di Manguá..

Ciao.

CAIPIRA: O PSICÓLOGO DE TODAS AS ERAS

MARCELO R. LABIGALINI

Em meio a esse mundo globalizado, corporativista, materialista, metacapitalista, onde a posse financeira e o poder político nunca são o bastante suficientes, ou seja, um mundo de gananciosos! Um mundo cada vez mais divergente, de opiniões, crenças, fé, padrões, política, cultura, repleto de organizações que o pseudo-protegem, ou seja, um mundo a caminho da perdição! Um mundo cada vez mais tecnológico, cibernético, alienado, calculista, cifrado, ou seja, um mundo de solitários! Um mundo de terapias, teorias, tratamentos, autoajuda, calmantes, convênios,

cosmovisões, ou seja, um mundo em emergências!

Uma emergência espiritual, uma salvação... no fim todos queremos nos salvar, digo a maioria, pois alguns muitos materialistas, podem estar nem um pouco preocupados com isso.

Uma salvação a qualquer preço, seja pela fé, pelo materialismo, pelo "achismo", nesta ou em outras vidas, concluo, todos querem se salvar!

E diante disso, eu, humildemente, levanto minha tese, que não creio ser uma teoria, mas um caminho real, que vai desbançar todas teorias, dos mais renomados psicanalistas da história: "O Caipira é o psicólogo de todas as eras"!

Eu, na condição de Engenheiro Agrônomo, estou comemorando 10 anos de minha graduação e de trabalho na área junto aos homens do campo, e, em comemoração a isso, resolvi homenagear este personagem, existente em todo mundo, de todas as eras (desde o Homo Sapiens até o Homo Erectus) que na grande maioria das vezes, é quem honra a minha profissão!

Diante daquilo que a vida me ensinou, o Caipira de verdade, é "o cara!" (independente do sexo, homem ou mulher). Ele é astuto, é perito, vive muito perto da pobreza (material), não tem luxo, quase nada de tecnologia, leva uma vida de silêncio, so-

litária, constantemente se arrisca no perigo, de sua vida no campo ou com animais, vive machucado, dolorido, dorme o necessário e carrega no corpo a deterioração e as marcas do tempo, enfim, ele teria todos os motivos cabíveis, para acharmos infelicidade no seu cotidiano. Mas, ainda assim, não! o Caipira nato é feliz, nasce e morre feliz. Pode ter certeza!

Por quê? Porque ele é um exímio matemático, tudo o que ele faz, seja mecanicamente ou espiritualmente, ele calcula: Será que eu preciso disso mesmo? Será que eu vou dar conta?

Ou seja, ele divide ambição material, das necessidades reais do dia a dia

como quem diz: Vou me estressar pra quê? Pra ficar mais rico? Não preciso!

Ele tem mais tempo para Deus, pois ele é a natureza.

Ele já é rico, pois em torno de toda a sua humildade de vida, ele tem tudo: boa saúde em virtude de seu trabalho ao sol, do ar que respira, da água que bebe, do alimento sem contaminação, do sono reparador, até da boa cachaça e do cigarro de palha!

Ele olha mais pro céu, do que para as pessoas, pois está sempre de olho no tempo, e nas fases da lua, para escalonar suas plantações.

Em virtude de sua rotina pesada, ele não pensa besteira, ele canta, toca viola, bate catira, faz suas

orações, faz caridade, vai à missa, (independente de religião) ele tem sua fé, não tem tempo para prosa ruim e cada nascer e pôr do sol é uma conquista pois ele tem que se organizar a cada estação, senão morre de fome, do corpo e do espírito!

Então esse Caipira a quem eu me refiro vive lá no campo, e talvez ele nem se preocupe tanto, com essa salvação, nem muito menos, com o que eu penso, mas ele se salva. Se salva simplesmente por aquilo que ele é!

Vamos refletir um pouco nisso, em aumentar a nossa "Caipirez", fazer do Sujeito um Verbo, para enriquecer a vida, de verdade!!!

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

O AVIÃO VERMELHO

UGO LABEGALINI

Pela manhã, ainda escurecia, saíam: o pai, com três enxadas sobre os ombros; a mãe, carregando nos braços o nenezinho que mamava no peito e depois dormia embaixo dos pés de café. Lá atrás, o irmão mais velho levava no bernal alguma comida preparada na madrugada com o que se tinha. Na morada de barrote ficava a irmã, também mais velha, cuidando da casa e de mim, ainda criança. Pai, mãe e filho labutavam de

cedo à tarde puxando enxada na pequena lavoura de café recebida de herança. O pai sempre levava vantagem saindo na frente com a sua tarefa para depois poder ajudar a mãe apreensiva pelo bebê exposto às cobras e insetos, ao dormir sobre alguns panos à sombra das árvores. Meu irmão, rapazote, com uma enxadinha dava o que tinha para deitar o mato que encontrava pela frente. Após o meio-dia, a irmã fechava a casa, enchia uma garrafa de café, tampava com um "tucho" feito de

palha de milho seco, catava uns pedaços de pão - quando tinha - e algumas laranjas do quintal. Me dava a mão e saíamos levar o café aos capinadores. Uma tarde, agrupados na lavoura, um grande espanto. Um ronco forte e esquisito pa-recendo vir do céu, se aproximando a cada segundo. Sem demora, num piscar de olhos, passou rasante próximo a nós, um maldito avião monomotor, inteirinho vermelho, pregando susto e espatifando as folhas secas que cobriam o chão e levand

tando poei-ra. Com a zoada do vermelho, eu criança e caipira, atordoado não sabia se corria para cima ou para baixo. Desesperado, o jeito foi agarrar forte na saia da mãe e quem dizia de largar. Era só choro e gritos enquanto eles procuravam me acalmar.

-Bastiana, chegando em casa, lembrar de apagar três brasas na água e fazer o menino beber para cortar o susto, ordenou o pai Batista. Sere-nados os ânimos com o ronco do bicho sumindo no espaço, o pai com

as duas mãos na ponta do cabo da enxada, apoiando o queixo comentou:

-Os mais antigos sempre disseram que a-vião vermelho é sinal de guerra, vamos pedir a Deus que nada disso aconteça. A mãe trêmula e ainda assustada com o acontecido, respondeu: - Nossa Senhora, nem diga uma coisa dessas. Se estourar uma guerra será uma desgraça, ela só serve para matar inocentes e nossas crianças...

Os anos foram passando e para o nosso bem e de

todo nada disso aconteceu. Permanecemos na pequena morada por mais algum tempo, até quando o pai resolveu nos arrastar para a cidade em busca de escolas para os filhos e de melhores dias.

Décadas se passaram e infelizmente pai, mãe e irmãos mais velhos se foram. Nunca mais vi avião vermelho. Vejo constantemente, através de jornais e TVs, aviões com variadas cores, fazendo guerras, despejando bombas, matando inocentes e crianças.

O PINTINHO

ERALDO HUMBERTO MONTEIRO

É o filhote da galinha, ainda novo. Chamam-no também de pintainho, isto é, pinto ainda quase implume. Chulamente passa-se por pênis e vice-versa. Mas não é desses pintos a história que o povo conta.

Conta-se que o Pintinho foi assim apelidado pela incrível vero semelhança com o dito cujo alado: é amarelo e pia. Não fala.

A versão popular deriva o apelido pintinho pelo fato do Pintinho ter aquilo, o tal do chulo pênis, minúsculo. Pura inveja.

Importa que o Pintinho é especial. Depenado da ventura, teve que, ainda pintinho cantar de galo para sobreviver. E sobreviveu monossilábico como soe acontecer com os pintos que jamais serão galos nesse galinheiro inquisitório, típico de cidade pequena.

"Por que fez", "por que

não fez", "quando vai fazer", sempre desacompanhados do você, até porque o Pintinho nunca foi você, aliás sempre foi réu de toda cagada embora fosse-lhe cativo sentar-se na primeira vara do poleiro. A de baixo, é lógico.

Afinal como uma cagada a jusante poderia atingir os empoleirados de cima? Tal qual a fábula de Esopo, revogou-se a lei da gravidade e o dito popular: o de baixo passou a cagar no de cima.

... Estávamos, o Davi, eu e o Pintinho, no meio, da boléia da D-20 do Davi, serra acima a caminho de Amparo. Éramos o primeiro de uns quinze carros, caminhões e ônibus impossibilitados de ultrapassar-nos devido a sinuosidade da estrada. Mas eis que um reluzente Porche Carrera GT prateado surge no final da fila e poda a todos numa velocidade incrível.

- Ufa! Que carrão! Mas eu gosto mesmo é duma Ferrari vermelha.

Foi a frase mais comprida do Pintinho dessa história. Só mesmo um Pintinho como o Pintinho para ter tanto mal gosto assim.

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

Parece mentira, até dá vergonha de contar, mas se é um fato, real, embora estrambólico como esse, não tem o que fazer, fato é fato, e muita gente viveu essa passagem, quem não presenciou, precisa saber o real pela boca do povo que conta essa história... E Cantare não é um canto urbano grande, é pequeno e entre roças, então, pode parecer caso de mentiroso, mas é pura verdade.

Foi assim. Lá pro meio de não se sabe quando, bem no centro de Cantare, alguns moradores se revoltaram, bravos de tudo, por não poderem andar, a pé ou a cavalo, fora das estradas, ruas, por serem propriedades de seus proprietários particulares. Então. O sujeito queria cortar caminho, não podia, porque pisava nas terras do Nego Barbosa, um outro queria caçar passarinho no alto do cafezal, não podia, estava nas terras do Nenê D'Alice, ia pescar nos Almeidas, lá eram terras do Pennacchi. E muito mais prova, comprovada. Um dia, a rapaziada tava toda

se divertindo, era domingo de tardezinha, embaixo de um grande pé de jacarandá, com galhos horizontais, onde amarraram vários balanços, tinha crianças no meio, pronto, a diversão acabou, porque veio o Tininho Franco, camarada do Nini (Gente dos Corsi e Mantovani) e acabou com a brincadeira: - Aqui não pode brincar não. Vão pra outro lugar. - Mas, Tininho, tamo só balançando no jacarandá. - Pode sair, o patrão Nini não permite, aqui é tudo terra dele.

Acontece que boa parte de Cantare era cercado pelas terras do Nini, do Nego Barbosa, do Kempis, não tinha aonde o povo ir, pisava fora da estrada, pisava nas terras de um proprietário de terras.

Lembro-me que somente duas propriedades permitiam visitas, passeios do povo em suas terras, e são lembrados e cultuados até hoje: Terras de Dona Valeriana e Terras dos Dizerós: Mingo e irmãos. Há, lá sim, povo ia solto passear em visitas aos pomares, às roças, às matas nas grotas do Morro Pelado, rios cheios de lambaris e caras, bagres. Uma maravilha.

E foi exatamente nesse

ponto que alguns moradores de Cantare se rebelaram. Por que não podemos andar livremente por todos os arredores de roças e matos? Teve um protesto frente à prefeitura, exigindo o livre caminhar pelos campos Cantare, que nem os bichos. Não teve jeito, delegado espatifou com o povo, cercas foram reforçadas, estreitados os vãos dos arames farpados, farpas pra todo lado dos campos minados.

Povo conta que os rebeldes fugiram lá pra'queles Cafundós, onde canta o chororó, bem além do Vintém... Tempo parou. Nada de fato novo nem rebeldia de terras desse ou daquele proprietário.

Depois de um tempão, passa de volta em Cantare um dos rebeldes exilados, que contou sobre suas andanças de mundo afora, lá pra'queles Cafundós:

- Xxxéé! Que nem qu'aqui me'mo. Tudo propriedade de proprietário. Ônibus parou num lugar, e vem capataz e diz: Aqui é tudo terra do seu Borges.

E é o que digo, nos artigos de contar e viver histórias: "Era uma vez uma vaca Vitória, morreu a Vitória, acabou a história"

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Outubro de 2023

Nº 616

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Novembro de 2023

Dia 01 Doreni Schiavon R. Cunha Osmar Antonio Grossi	Robert Danilo Zucato Robert Isadora Barile Zucato Gustavo Guireli Marielene Moraes Duarte Luciana Jusinskas Labegalini, Dia 15 Thaís Figueiredo Comune Cynthia Canela Lúcia Ioko Izumi Dia 16 Maria Rosa Comune Faria Solange A. Vieira Dia 17 Cristiano Giglio Zucato Dia 18 Maria Nilza Bernardi Milan Dia 19 Ednaldo Hermínio Comune Iracema Ávila Santos Dia 20 Marli Honório Pennacchi Dia 21 Evenson Labegalini Dia 22 Elenice Pereira Bonassi Dia 23 Thais Valdissera dos Santos A. Marcos R. Cunha Maria Cecília Daldosso Queiróz Dia 23 Bráulio Luís Cyrne Beltrame Ana Priscila de Moraes Carlos Eduardo R. Zucato Teresa Vitorino Queirós José Eduardo da Silva Robson Labegalini Dia 24 Emilene Canela Maritana D. Gomes Pepe Dia 25 Ivo De Nez, Leonardo Artur M. Silva Dia 27 Alexandre A. Lopes Mussi Márcio Roberto Canela Dia 28 Luis Fraccaroli Valdemir Galli Maria Cândida G. Silva Dia 29 Ana da Silva Martins Dia 30 Luiza Pieroni Labegalini Odair Megal Dinis, Renato Franco Bueno Ana Maria Caporali Borges, Karim Dematei.
Dia 02 Luciana Aparecida Genghini Wellington S. O. Miranda Dia 03 Célia Morelo Valentim, Ilionor Silvério da Silva Aline G. Castro Ribeiro Silmara Alves Vieira Dia 04 Lara Righete Carla Cristina Barbosa Celene Brigagão de Franco Dia 05 Rafael Jusinskas Labegalini Juliana Ap.de Barros Rodrigo Labegalini Patrícia Zucato Dia 06 Tauanna Carolina Alves Irineu Bernardi Filho Selma R. Silva Barbosa Nathália Laura Grossi Dia 07 Ana Luiza Bossi Veloso Ferdinando Righete, Flávio Comune Pennacchi Dia 08 Luis Gonzaga da Silva Adriana C. Freire Maria Helena Faraco Dia 09 Ana Maria Bernardi Guireli Stéfanie Lima Ilson João Mariano Silva, colaborador deste jornal Marcelo José Ribeiro Dia 10 Aline Caroli Geni Beghini Maria Alice Dias Catarina E. Labegalini Antonio Canela Grossi Dia 11 Aline Paola Inácio Paulo César R. Santos Jr. Doraci Labegalini Nicioli, Dia 12 Tereza Silvério Dia 13 Domeles Canela Zélia Massa Domingues Dia 14 Matheus Zucato	

A todos, as felicitações da Redação!

EPTV NA ESCOLA – E. M. PADRE REINALDO DE MONTE SIÃO - 2 CLASSIFICADOS

Do recente Projeto EPTV na Escola, com o tema geral “Somos a Natureza porque precisamos restabelecer nossa relação com ela”, promovido pela EPTV, dentre os 40 semifinalistas foram selecionados 10. Da E.M. Padre Reinaldo, de Monte Sião, duas foram classificadas entre as 10 primeiros, sendo 7º lugar para JESUELY VITÓRIA DOS SANTOS NICOLAU, com a redação “O Semeador” e em 5º lugar ENZO FARACO DO SANTOS, com a redação “Minha Herança Natural”. Eita! Parabéns aos alunos e aos professores da E. M. Padre Reinaldo pelas realizações! Quem planta, colhe! Continuem firmes, não percam o foco!

3ª EDIÇÃO DO ROCK IN SION

Aconteceu no sábado (21/10), a partir das 19h, no Centro de Exposições e Lazer (Pavilhão), a terceira edição do festival de rock “Rock in Sion”, organizado pelo colaborador deste jornal, Danilo Zucato Robert, e amigos. O evento beneficente contou com a participação de oito bandas, representantes das cidades de Monte Sião, Águas de Lindóia (SP), Socorro (SP) e Bom Jesus dos Perdões (SP). Estima-se que entre cem e duzentas pessoas compareceram no festival, que teve duração de seis horas. O evento contou com arrecadação de roupas e alimentos não perecíveis para o Lar São José.

28 de OUTUBRO, HOMENAGEM a D. IVANIR

Continuando a falar de escolas e professores, no dia 28 de outubro de 2023, os setentões que foram alunos de D. Ivanir Comuni Bernardi nas 3ª e 4ª séries do primário se reuniram com a professora querida, madrinha de muitos, para comemorar seu aniversário e render-lhe as costumeiras homenagens. Aqueles que não puderam vir, que estão longe ou que já partiram para outra dimensão, fizeram muita falta. D. Ivanir foi, e é, uma das professoras mais querida de Monte Sião, em todos os tempos. Madrinha, parabéns, por mais um aniversário! Que Deus continue te protegendo e abençoando sempre.

PESQUISANDO AUTORES DE MONTE SIÃO

Em fase final de realização da primeira etapa do projeto, em que foi possível a obtenção de praticamente todos os livros relacionados, graças a um esforço de pesquisa e investimento pessoal. Os mais antigos foram buscados pelo site Estante Virtual que agrega Sebos de todo o país, outros foram reimpressos pela AcervoEdições Artesanais, de Monte Sião, alguns já faziam parte do acervo da FCPA e da coleção pessoal de autores e de familiares, especialmente de Ivan Mariano Silva. Concluída esta fase, o material é coloca-

do sob os cuidados da FCPA que cuidará da exposição permanente, e, provavelmente em convênio com a Câmara Municipal, incorporar um projeto da casa para instituir uma exposição permanente de autores de Monte Sião nas dependências da sede, amparado por norma administrativa, com o aval do Presidente da Câmara Platini dos Santos Pereira e dos demais vereadores. Mais um evento cultural para Monte Sião, prestigiar, comemorar e divulgar!

VAI VISITAR? DEIXE SUAS PEGADAS, SEUS OLHARES E LEVE APENAS AS SUAS IMPRESSÕES

Atualmente está muito em voga (eita!) o turismo e os passeios rurais, o que é muito bom. Porém, é bom lembrar que o passageante deve aproveitar os momentos para estimular seus sentidos, exercitar o corpo e a alma, mas deve deixar tudo exatamente como viu, nos seus devidos lugares, sem interferir fisicamente com o ambiente colhendo flores, apanhando lembrancinhas, açoitando insetos e animais. Sirva-se da natureza como ela é, mas respeite-a como ela está e assim teremos sempre a possibilidade de que outras pessoas, em futuro próximo ou distante, possam ter e vivenciar as mesmas sensações que nós sentimos agora! Turismo de Contemplação, porque a natureza demora a se regenerar!

Fragmentos - 29

ARIOVALDO GUIRELI

1 Tanto na visão filosófica linguística de Noam Chomsky como da médica psiquiátrica Ana Beatriz Barbosa Silva, as guerras talvez sejam o exemplo mais cruel dessa habilidade dos seres humanos em “driblar” o inato senso moral. Para que um grupo enfrente o outro é necessário uma causa que seja aparentemente justa ou moralmente correta. Como não existe guerra moral, sempre haverá uma liderança habilidosa em manipular mentalmente as diferenças culturais, de forma a colocar uns contra os outros. A manipulação moral acaba por despertar nos instintos humanos relacionados à luta pela sobrevivência. Monta-se assim o cenário perfeito para uma guerra politicamente correta e moralmente maquiada. Todas as guerras são assim: injustificáveis. O que ocorre de fato é a sórdida manipulação moral por parte de uma pequena minoria humana. Ninguém põe em dúvida as boas intenções, mas suspeita-se de que muito da retórica moralista, da satanização, da alegação de ser precursor de uma política externa baseada em valores tanto quanto em interesses é uma forma de negação.

2 - Guerra! Em nome de Deus? Não! Em nome do poder, do dinheiro, das terras... Deus é apenas uma porta para fechar o tempo ou o templo!

3 - Aprumava o tempo para a festa do Magioli. Festa tradicional dedicado a São João Batista. E em toda cidade uma voz ‘cantada’ assim proclamava:- Cê vai na festa? A minha barraca vai ter picadinho, batata e pão. E a cerveja geladinha! Era assim, todo ano, notadamente nas décadas entre 1980/1990. Dito Xarope, pintor de parede, músico (cavaquinista), e amigo de cada dia, festejava a vida com seu jeito desajeitado alegrando, principalmente as crianças. Sabia repartir a sua imensa bondade. Refletia a vida com sabedoria, liberdade e uma baita vontade em desejar felicidades a todos.

4 - O papa Francisco no seu Laudato Si – sobre o cuidado da casa comum-salienta: “ Para se poder falar de autêntico progresso será preciso verificar que se produza uma melhoria global na qualidade de vida humana; isto implica analisar o espaço onde as pessoas transcorrem a sua existência. Os ambientes onde vivemos

influem sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir. Ao mesmo tempo, no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro, usamos o ambiente para exprimir a nossa identidade. Esforçamo-nos para nos adaptar ao ambiente e, quando este aparece desordenado, caótico ou cheio de poluição visual e acústica, o excesso de estímulos põe à prova as nossas tentativas de desenvolver uma identidade integrada e feliz”.

5 - “O que estamos vivendo hoje é que o homem deixou de ser o centro do mundo. O centro do mundo agora é o dinheiro”. (Milton Santos – geógrafo, professor universitário, jornalista).

6 - Leia de Márcio Souza – Mad Maria – Editora Record

7 - Este fragmento foi solfejado pela voz sempre salutar do mestre Vivi.

8 - Beijos gerais.

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas
TELESON
TELECOM
Águas de Lindóia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● **Teste do Pezinho ampliado**
● **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindóia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180